



Baal, o senhor da terra: a crença em Baal a partir dos mitos ugaríticos

Baal, lord of the earth: belief in Baal from the Ugaritic myths

Luiz Alexandre Solano Rossi^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Sue'Hellen Monteiro de Matos^[b] 

Santos, SP, Brasil

^[b] Universidade Metropolitana de Santos

Como citar: ROSSI, Luiz Alexandre Solano; MONTEIRO DE MATOS, Sue'Hellen. Baal, o senhor da terra: a crença em Baal a partir dos mitos ugaríticos. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 409-421, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.DS02>.

Resumo

Textos mitológicos e religiosos encontrados em Ugarit revelam mais do que eles mesmos desejam contar. Crença e realidade emergem dos textos, apresentando, não somente a substância de fé dessa região da Síria no segundo milênio aec, mas, também, o mito como função social que desvela a realidade. Nessa perspectiva, o artigo tomou como objeto de estudo os textos do Ciclo de Baal, senhor da terra, uma das mais relevantes divindades da região. A relevância de Baal e sua influência na cultura e no pensamento religioso de toda a região siro-cananeia é impressionante. Além de Baal ser a divindade que representava a ordem e a vida (fertilidade) e aquele que vence as batalhas, e mesmo que não seja apresentado como o “amado de El” – diferentemente de Yam e Mot – ele faz um caminho que o torna maior do que eles. Nos textos mitológicos ugaríticos de Baal percebe-se uma

^[a] Doutor em Ciências da Religião (UMESP), e-mail: luiz.rossi@pucpr.br

^[b] Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: suehellen.matos@gmail.com

divindade que, a partir de fronteiras fluidas como a da religião, se propagou por toda aquela região e foi capaz de influenciar a mentalidade religiosa de outros povos.

Palavras-chave: Baal. Ugarit. Mitologia. Crença. Cultura.

Abstract

Mythological and religious texts found in Ugarit reveal more than they want to tell. Belief and reality emerge from the texts, presenting not only the substance of faith in this region of Syria in the second millennium BC, but also myth as a social function that unveils reality. From this perspective, the article has taken as its object of study the texts of the Cycle of Baal, lord of the earth, one of the most important deities in the region. The importance of Baal and his influence on the culture and religious throughout of the entire Syro-Canaanite region is impressive. In addition to Baal being the deity who represented order and life (fertility) and the one who wins battles, and even though he is not presented as the "beloved of El" - unlike Yam and Mot - he makes a journey that makes him greater than them. In the Ugaritic mythological texts of Baal, we can see a deity who, from fluid boundaries such as religion, spread throughout that region and was able to influence the religious mentality of other peoples.

Keywords: Baal. Ugarit. Mythology. Belief. Culture.

Introdução

As muitas pesquisas e evidências até o momento encontradas acerca de Baal se relacionam à crença e ao culto desta divindade. Uma das principais fontes para discutirmos a crença em Baal são os mitos ugaríticos encontrados nas escavações da cidade de Ugarit, na década de 1920, coordenada pelo arqueólogo Claude Schaeffer. As descobertas arqueológicas desta escavação trouxeram um novo olhar sobre a pesquisa da religião, cultura e economia no Levante, bem como a exegese bíblica. Em especial, destaca-se a forte produção literária em Ugarit. Nela, foram localizadas 17 bibliotecas com mais de 1500 textos, além dos textos encontrados na residência do sumo sacerdote da região, localizado entre o templo de Baal e Dagon. A preservação desses importantes documentos míticos e religiosos se deve à decisão dos escribas de Ugarit de usar a escrita alfabética com o objetivo de registrar o patrimônio literário local.

Dentre os textos encontrados, 135 eram de natureza religiosa, incluindo os épicos da literatura ugarítica, como Kirta, Aqhat e o Ciclo de Baal e Anat. Segundo Willian Schniedewind e Joel Hunt (2007, p. 8-14), as escavações no sítio de Ugarit proporcionaram constatar o intenso desenvolvimento literário na região, pois, além dos textos religiosos, foram encontrados também catálogos lexicais, e até mesmo, cópias do épico de Gilgamesh, uma das narrativas mais antigas do Antigo Oriente Próximo.

Com relação à estrutura do sítio arqueológico, Mario Liverani (2008) destaca a infraestrutura do palácio de Ugarit, com 5.000 m², sendo o maior e mais suntuoso de toda Síria, o que, juntamente ao desenvolvimento literário, reitera a importância de Ugarit para o Levante, durante o período do Bronze Tardio (séc. 16-13 AEC.).

A relevância da cultura e religião ugarítica estende por todo o Levante, incluindo Israel e Judá. É notável esta influência no desenvolvimento da literatura da Bíblia Hebraica, especialmente pela semelhança entre ambos os sistemas linguísticos (Lete, 1981, p. 75). Um dos exemplos mais impressionantes surge ao comparar os nomes das divindades inimigas de YHWH na Bíblia Hebraica com os nomes das divindades que Baal enfrenta nos mitos ugaríticos, como se pode observar:

[...] quando se compara os nomes das divindades enfrentadas por Baal com os nomes das divindades inimigas de YHWH observa-se a semelhança. Nota-se: Mar, em hebraico *Yam* e em ugarítico *Yammu*; Leviatã, em hebraico *Livyatan* e em ugarítico *Litan*; *Tannin* em hebraico (também é traduzido por “crocodilo”, mas remete à serpente caótica) e *Tunnanu* em ugarítico; e por fim, a Morte, em hebraico *Mawet* e em ugarítico *Môtu* (Smith apud Matos, 2022, p. 24).

Além dos nomes das divindades, o processo de influência cultural ugarítica nos textos da Bíblia Hebraica se dá através de um duplo processo de reação e assimilação. Isto é,

Ora os textos bíblicos reagem à cultura ugarítica, por exemplo, YHWH se apresenta como opositor a Baal. Ora os textos bíblicos assimilam esta cultura, por exemplo, YHWH assimila as características de El, incluindo a sua esposa, Asherah. Até mesmo algumas características de Baal são incorporadas por YHWH. Mendonça (2012, p. 156) propõe que a morada de YHWH é uma assimilação e resignificação do mito ugarítico que coloca o cume do monte Safon como morada de Baal. Com base na análise exegética do Salmo 48, o autor afirma que os mitos se sobrepõem colocando o monte Sião na extremidade do monte Safon (Matos, 2022, p. 24).

Assim sendo, o presente artigo discutirá a crença em Baal a partir dos mitos ugaríticos do Ciclo de Baal e Anat, da epopeia de Kirta e da lenda de Aqhat, tendo em vista a intertextualidade existente com os textos da Bíblia Hebraica. Santos, nesse sentido, registra que as memórias culturais sugerem que as artes

visuais e as tradições literárias e religiosas de Ugarit influenciaram as atividades escritas na terra de Canaã (2023, p. 105).

1. Baal, o senhor da terra no ciclo de Baal e Anat

O principal texto mitológico ugarítico é o ciclo de Baal e Anat, o qual foi escrito em tabletes de argila pelo escriba Ilimilku, conforme informa o próprio texto. O material está em grande parte bem preservado, porém, há lacunas nos tabletes que impossibilitam a análise completa dos textos. Estes tabletes apresentam três narrativas que formam o ciclo de Baal e Anat, as quais seguem a provável ordem: 1) O Deus da tempestade Baal e o Deus do mar Yam; 2) A construção do palácio de Baal; 3) Baal; Anat, a Deusa guerreira; e Mot, o Deus da morte (Moura, 2012, p. 57-58).

De modo geral, no ciclo de Baal e Anat, Baal, Yam, Mot são Deuses que competem pelo domínio cósmico e, provavelmente, exercem maiores influências na literatura ugarítica, juntamente com El, Asherah e Anat. As narrativas pertencentes ao ciclo de Baal e Anat destacam o crescimento de Baal como Deus vitorioso na disputa pelo reinado cósmico, como descrito na narrativa Baal-Yam (KTU 1. 1-2) e Baal-Mot (KTU 1. 3-6). Entretanto, é preciso ressaltar que, neste segundo círculo narrativo, Anat desempenha papel fundamental para o restabelecimento da ordem: ela é quem derrota, de fato, Mot, por isso, nomeia-se acertadamente como o ciclo como “Ciclo de Baal e Anat”.

Partindo para o texto propriamente dito, a primeira narrativa relata a ascensão de Baal ao poder, sua luta com Yam e sua vitória sobre a deidade caótica. Ela se inicia com a entronização de Yam, seguido do pedido de El para o Deus artesão/construtor, *Kotaru-Hasisu* construir um palácio para Yam:

[Escuta, oh!] *Kotaru-Hasisu*,
 Construa a casa de *Yammu*,
 O palácio de *Naharu*
 No coração de [?]
 Veja, *Kotaru-Hasisu*
 A construir a casa do Príncipe *Yammu* (KTU¹ 1,2III - 7-8).

Nota-se que há uma lacuna no texto ugarítico referente à localização do palácio de Yam. Por se tratar de uma divindade caótica, segundo Mark Smith (2018, p. 136), Yam habitaria o oceano cósmico, inclusive o significado do nome da divindade é mar. Nesta discussão sobre o local de habitação das deidades, o autor ainda acrescenta que, ao se tratar de divindades caóticas, além do oceano cósmico, elas habitariam o submundo. E, por outro lado, as divindades benéficas habitariam montanhas sagradas. Tanto uma quanto outra localização, ou seja, submundo ou montanhas sagradas, são observadas no decorrer das narrativas do ciclo de Baal e Anat.

Na sequência narrativa, El, a divindade chefe do panteão junto a sua esposa, a Deusa Asherah, faz o pedido de paz para a Deusa Anat, divindade da guerra:

Aos pés de *Anatu* inclinais e abaixais,
 Prostrais e rendereis honras,
 E dizei à Virgem *Anatu*,
 Repeti à Prometida dos povos:
 Mensagem do Touro *Ilu*, teu pai,

¹ KTU é a sigla para *Keilalphabetischen Texte aus Ugarit*, classificação alemã dos textos ugaríticos. Doravante, as citações dos textos ugaríticos serão feitas a partir da tradução de Lete (1981).

Palavra do Benigno, teu progenitor:
Saia nos passos da guerra na Terra
Coloque as estepes em concórdia
Derrame a paz no seio da terra
Descansem nas entranhas do campo (KTU, 1.1II)

O objetivo da divindade chefe do panteão é colocar o mundo em paz, uma vez que Yam já ocupa o trono. No entanto, a sequência narrativa demonstra Baal como inimigo de Yam. Infelizmente, não temos o início da fala de acusação de Yam contra Baal, devido às lacunas dos tablets. O que temos é a afirmação de que Baal se levantou contra Yam (KTU, 1.2I, 3). Prontamente, Baal responde que Yam será retirado do seu trono e de seu poder (KTU, 1.2 I, 4-5). A partir disto, há uma sequência de troca de mensagens através dos mensageiros das divindades Yam e Baal até que a luta de fato acontece e é celebrada por *Kôtaru*:

[A força de minha] mão cede,
Desfalece [o vigor] de meu espírito.
[Ao meu inimigo] não fui capaz de expulsar,
Ainda que eu tenha jogado [em seus servidores meus dardos]
Mas em *Yammu* a calma não sofreu nenhuma diminuição,
A *Yammu* o peito [se fortaleceu]
[Para] juiz *Nabaru* a cerviz.
Então, a espada eu busquei,
O acometi, coloquei fogo [com punhal em sua casa]
Mas minha força caiu por terra,
Ao solo minha potência.
Apenas de sua boca a frase saiu,
De seus lábios a sua palavra,
Quando, dando um grito, se precipitou
Aos seus pés, de seu trono, o Príncipe *Yammu*.
E respondeu *Kôtaru-Hasisu*:]
Não te disse, ó, Príncipe *Ba'lu*?
Não te repeti, ó, cavaleiro das nuvens?
Agora a teu inimigo, *Ba'alu*,
Agora a teu inimigo deves esmagar,
Agora deves destruir o teu adversário,
E assim, tomar posse de teu reino eterno,
De teu domínio pelos séculos dos séculos (KTU 1.2IV, 1-7).

A segunda narrativa foca na construção do palácio real de Baal, enfatizando sua autoridade e poder dentro do panteão ugarítico. Logo no início, Baal é apresentado como “*Ba'lu*, o vitorioso, o mestre do Príncipe, Senhor da terra” (KTU, 1.3 I 3). Seu palácio é construído no monte Safon, conforme observamos:

Eu quero construir um palácio, como não o conhecem os céus
Algo que os humanos não conhecem,
E nem (o) entendem as multidões da terra
Vem e eu to revelarei
Em minha montanha divina, Safon
Em meu santuário, no monte de minha possessão
Em um lugar agradável, na colina do triunfo (KTU 1,3 III 26-31).

Segundo a mitologia ugarítica, a montanha sagrada, além da morada divina, é o lugar de festa dos Deuses, é o “lugar agradável”. Esta linguagem do jardim, conforme Mark Smith (2018, p. 136), é paralela à

linguagem bíblica sobre os jardins, inclusive o jardim do Éden e, portanto, indica o ponto central do cosmos dentro da mitologia, seja bíblica ou ugarítica. Neste sentido, é de sua montanha sagrada, Safon, que Baal rege o cosmos.

Entretanto, para Baal ter o seu palácio construído, necessitou da intervenção da Deusa Asherah para advogar junto a El sobre seu pedido. Porém, a recepção da Deusa Asherah não foi tão afável. Pelo contrário, ela recusa o pedido de Baal, e lamenta a morte de seus filhos, como se observa no texto ugarítico:

Ergueu sua voz e exclamou:
 Como é que chegou *Ba'lu*, o vitorioso?
 Como é que chegou a virgem *Anatu*?
 Eles são meus assassinos, os assassinos de meus filhos
 Eles são os destruidores do clã de meus parentes. (KTU, 1.4 II, 21-26).

A partir da negativa de Asherah, a Deusa Anat recomenda que Baal faça uma oferta a Deusa chefe do panteão, a qual ele prontamente atende. A narrativa relata que, ao chegar à casa da Deusa Asherah, o casal é convidado para um banquete (KTU 1.4 III, 23-44). Todavia, devido à coluna existente no tablete de argila, não é possível saber sobre o que conversaram durante o banquete. No entanto, pela sequência textual, subentende-se que seja sobre o pedido de ajuda para a Deusa com relação à construção do palácio, visto que, as linhas posteriores narram Asherah viajando até a morada de El, o qual, euforicamente, a recebe:

Apenas a viu *Ilu*,
 e franziu a testa e se pôs a rir,
 apoiou seus pés no escabelo
 e retorceu seus dedos.
 Ergueu a sua voz e exclamou:
 Como é que chega a Grande Dama, *Atiratu* do Mar?
 Como é que vem a Progenitora dos Deuses?
 Sem dúvida estarás com fome, toma [então um bocado];
 E também terás sede, bebe [então um gole].
 Coma e beba bem,
 Coma das comidas da mesa,
 Beba em cálice de vinho,
 Em copo de ouro sangue de videiras.
 Acaso o amor de *Ilu*, o Rei, te tem excitado?
 O afeto do Touro te tem comovido? (KTU 1.4 IV, 27-39).

Esta reação de El,

[...] demonstra a felicidade (“e se pôs a rir”) e ansiedade em vê-la (“e seus dedos retorceram”), bem como a acolhida ao oferecer a melhor comida e bebida, porém, com expectativas de ter relações sexuais com sua esposa. Esta cena também retrata a sexualidade das divindades que, por um lado, reflete as configurações sociais no mundo divino, e por outro, contribui para a discussão da possibilidade do sexo sagrado como um dos ritos ao casal divino. Todavia, a Grande Dama não estava interessada nisso, pelo menos neste momento da narrativa. Seu foco era resolver a questão: Baal não tem palácio. Este é o tema do diálogo entre ela e El que, após argumentações, ele finalmente concorda com a petição apresentada pela Deusa (KTU 1.4 IV, 58-62 e V, 1-1) (Matos, 2022, p. 34).

A autora traz à discussão o autor Gregório Lete (1981, p. 125-126), o qual argumenta que este diálogo entre o casal divino é o clímax do mitema. Isto é, toda ação precedente e posterior acerca da construção do

palácio de Baal depende deste diálogo. Ademais, este diálogo demonstra o poder argumentativo da Deusa, que elogia El por sua sabedoria e depois apresenta o pedido justificando a importância que tal palácio cumprirá como casa de Baal, e também sua função como intercessora (MATOS, 2022, p. 34).

Segundo Francesca Stavrakopoulou (2017, p. 496), Asherah, além de sua função como mãe das divindades e esposa de El, é uma importante peticionária no reino divino, desempenhando um papel crucial na criação cósmica da ordem. Isto demonstra o seu poder político nas decisões acerca do cosmo.

Retornando ao mito, o palácio de Baal então é construído, e o Senhor da terra transmite suas palavras aos heróis exortando-os a saírem da guerra e promoverem a paz na terra e no campo (KTU, 1.3III 15-17). Na sequência, a Deusa Anat com todo temor e tremor, destaca os grandes feitos de Baal:

Apenas Anat espiou os Deuses,
seus pés tremeram,
por detrás de seu lombo se dobrou,
por cima de seu rosto se pôs a suar,
se contraíram as juntas de seu lombo,
os músculos de suas costas.
Ergueu sua voz e exclamou:
Como chegaram Gaph e Ugar?
Qual inimigo se levanta contra Baal,
Qual inimigo contra o cavaleiro das nuvens?
Certamente eu lutei com Yam, o Amado de El,
Certamente eu acabei com o Nabaru, o Grande Deus
Certamente eu amarrei Tunnanu, fechei sua boca,
Eu lutei com a Serpente sinuosa,
a soberana de sete cabeças,
Eu esmaguei Arsu, o Amado de El,
Eu aniquilei Ataku, o Bezerra de El,
Esmaguei Isatu, cachorra divina,
Eu aniquilei a Dububu, a filha de El,
Que eu possa lutar pela prata e herdar o ouro. (KTU 1,3 III – 32-46).

Observa-se que, ao mesmo tempo em que Anat proclama os feitos de Baal, a narrativa indica que o próprio Baal entra em cena para afirmar as suas conquistas, enfatizando que não há inimigo que subsista ao confronto com ele, afinal, agora ele é o rei cósmico, mesmo que ainda esteja subordinado à El e Asherah, já que ambos continuam sendo o casal chefe do panteão ugarítico.

No entanto, nota-se neste texto que Yam ganha o destaque de “amado de El”, assim como os outros inimigos derrotados estão diretamente ligados ao chefe do panteão. Segundo Mark Smith (2018, p. 140), tanto Yam quanto El partilham uma característica comum: ambos são oponentes do Deus da tempestade, Baal. Contudo, diferente de Yam, El não o enfrenta diretamente. Inclusive, no final de todo o ciclo, El acaba por reconhecer o senhorio de Baal sobre toda terra. Por outro lado, nesta segunda narrativa, como nas demais, Baal não apresenta conflito com a Deusa Asherah, a chefe do panteão.

Por fim, a terceira narrativa descreve a morte de Baal pelas mãos de Mot, o Deus da morte, o qual representa uma força primária no universo, a morte. O Deus da morte deseja aumentar o seu poder e reinar no lugar de Baal:

Para que grite Mot em sua alma
se instrua o amado de El em seu interior:
você é o único que reinará sobre os deuses
e que verá saciados deuses e homens

e que saciará as multidões da terra (KTU, 1.4 VII, 48–52).

Do mesmo modo que Yam, Mot também é chamado de “amado de El”, como observado no texto supracitado. No entanto, há ainda outro título empregado à Mot: o de herói:

Eu certamente enviarei um mensageiro
para o filho de El, Mot,
uma mensagem para o amado de El, o herói (KTU, 1.4 VII, 46–47).

E, assim como Yam, Mot é uma divindade caótica, porém, ao invés de habitar o oceano como Yam, Mot, o amado de El, habita o submundo. Conforme o texto ugarítico, para chegar à morada de Mot, os mensageiros dos Deuses e Deusas precisam levantar a montanha para descer ao submundo e encontrá-lo (KTU, 1.4 VIII – 1-24).

Imaginário semelhante encontramos relatados na Bíblia Hebraica ao referir-se ao *sheol* como lugar dos mortos (cf. Sl 6,5), porém com algumas distinções. Por exemplo, para alcançar o *sheol* é preciso “descer ao sheol” (cf. Gn 37,35; 43,38), sem mencionar o “levantar da montanha”. Também não há descrição de nenhuma deidade que habita este submundo, trata-se apenas o lugar dos que morrem. De todo modo, há a aproximação do imaginário, até porque a própria morte torna-se inimiga de YHWH.

O conflito entre as divindades, Mot e Baal está diretamente relacionado com o intento de Mot em tirar a fertilidade da terra e provocar a escassez para reinar sobre o cosmos. A luta dessas duas divindades pelo reino cósmico representa fertilidade e morte (Moura, 2012, p. 65). Assim, seguindo o ciclo narrativo, Baal, uma vez que já havia derrotado as forças caóticas do mar, o Deus Yam, agora deveria derrotar o Deus da infertilidade e da morte, Mot, para que a terra voltasse a ser fértil. Deste modo, o Deus da tempestade e senhor da terra, desce ao submundo para enfrentar Mot, porém, perde a luta e morre. Seu destino é contado pelos mensageiros de Baal:

Baal está morto, o vitorioso
pereceu o príncipe, o senhor da terra (KTU, 1.5 VI, 9–10).

Com isto, a natureza e a ordem do cosmos estão em grande perigo. A narrativa descreve o lamento de El pela morte de Baal, no qual ele também ressalta os efeitos terríveis que a morte de Baal traz à terra. Por isso, o casal chefe do panteão, El e Asherah, com indicação direta da Deusa, escolhe o Deus Attar como substituto para Baal, conforme o texto:

E respondeu a Grande Dama, Asherah do mar:³
Façamos então rei a Attar, o terrível!
Que reine Attar, o terrível!
Agiu assim Attar, o terrível,
Subiu ao cume de Safon,
Sentou-se no trono de Baal, o vitorioso.
Seus pés não chegavam no repousa-pés
Sua cabeça não alcançava a seu remate
E respondeu Attar, o terrível:
Não posso reinar no cume de Safon.
Desceu Attar, o terrível
Desceu do trono de Baal, o vitorioso,
E reinou na terra de Deus, és toda ela. (KTU 1.6 I 53–65).

Por Attar não ser capaz de governar, o reino cósmico corria perigo. A narrativa conta que a Deusa guerreira, Anat, viaja até o submundo, que ficava embaixo da montanha, para ressuscitar Baal (KTU 1.6 II, 9–12). No entanto, Mot, o Deus da morte, nega o retorno de Baal ao mundo dos vivos, e ainda se gloria de sua vitória sobre o Deus da tempestade (KTU 1.6 II, 13–23). A Deusa guerreira, por sua vez, luta contra a divindade da morte, e o vence (Matos, 2020, p. 6). A narrativa sobre esta cena descreve um ritual de plantação, conforme se observa:

Um dia e mais se passaram,
Os dias se fizeram meses;
Anat, a donzela, procurou por ele.
Como o coração da vaca por seu bezerro,
Como o coração da ovelha por seu cordeiro,
Assim batia o coração de Anat por Baal.
Pegou o divino Mot,
Com uma espada o perfurou,
Com uma peneira o espalhou,
no fogo o queimou
com pedras de moinho o triturou,
no campo o semeou.
Sua carne a comeram, sim, os pássaros,
Seus pedaços devoraram as aves,
Carne em carne foi convidado. (KTU 1.6 II, 26–37).

Com a vitória da Deusa Anat, os planos do Deus Mot de estender o seu reinado até os domínios de Baal não se concretizam, e, por conseguinte, Baal revive e a ordem triunfa sobre as forças caóticas da morte. No entanto, não é possível saber os detalhes da ressurreição de Baal devido às lacunas de 40 linhas no tablete de argila. Na sequência narrativa, El celebra a ressurreição de Baal, bem como o nomeia como senhor da terra (KTU 1.6 III, 20–21) (MATOS, 2020, p. 6).

Eis! Baal o vitorioso vive!
Certamente o príncipe, o senhor da terra existe! (KTU 1.6 III, 20–21)

Entendendo, portanto, que o mito surge da experiência que o grupo tem do sagrado em relação à sua própria realidade, é bem possível afirmar, a partir desta narrativa, que o culto a Baal possuía destaque dentro da fé plural ugarítica.

2. Baal na epopeia de Kirta

A epopeia de Kirta, escrita em cuneiforme em três tabletas (KTU 1.14, 15, 16), conta a saga do rei Kirta em sua luta para assegurar a sucessão de sua dinastia. Em sonho, Kirta, recebe uma visita de El, em sonho, que aproveita para implorar ao Deus chefe do panteão, um filho. El, no entanto, antes de dar a sua resposta, exige um sacrifício que envolve cordeiro, pão, ave e vinho (KTU 1.14 I 26 – 1.14 II 26), bem como recebe a ordem divina para marcar pelas cidades até encontrar a jovem que tornaria sua esposa, Hurrayau. Ao acordar, Kirta percebe que se tratava de um sonho revelador de El, e, imediatamente, cumpre o sacrifício solicitado pela divindade e parte em marcha pelas cidades (KTU 1.14 III 50–1.14 IV 31) (Matos, 2022, p. 36).

Apesar de cumprir o sacrifício para El, e de ter seu herdeiro assegurado pela divindade, Kirta também faz uma promessa à Deusa Asherah. Esta promessa funciona como uma prolação literária (MATOS, 2022, p. 36) De acordo com Gregório Lete (1981, p. 255), esta prolação literária “concatena o presente

episódio com o desenvolvimento posterior do poema, ainda que às custas de um certo desequilíbrio teológico e literário”.

De qualquer modo, a promessa se cumpre. Qual divindade foi responsável? O texto não informa diretamente, mas destaca a cobrança da Deusa Asherah do voto não cumprido, conforme se observa no texto:

Recordou *Aṭiratu* seu voto,
A Deusa [sua promessa];
Ergueu a sua voz e [exclamou]:
Veja, por favor, é que Kirta irá romper
Ou mudar o seu voto, [o rei]?
Eu vou quebrar então [a minha promessa] (KTU, 1.15 III 26-30).

A Deusa ainda o ameaça. Contudo, não é possível conhecer o teor desta ameaça por conta da deterioração do material. Pelo que se pode ser traduzido, a narrativa prossegue relatando que Kirta foi acometido por uma grave doença, plausivelmente, um castigo da Deusa, já que Kirta não cumpriu com sua parte no voto. Assim, esta doença deve ser vista como uma retaliação e punição pelo perjúrio cometido. Todavia, no final do épico, o castigo de Asherah é resolvido por El, ao curar Kirta através de um encantamento com barro e sangue de *Tunnanu*, afastando o Deus da morte, Mot, de Kirta e da cidade. A última cena da narrativa retrata o banquete sacrificial realizado pelo rei e sua esposa, Hurrayau (KTU 1.16 V 23- 1.16 VI 21) (Matos, 2022, p. 36-41).

Baal aparece neste ciclo como uma das divindades presentes no banquete oferecido por Kirta quando se casa com Hurrayu (KTU 1.15 I 1 – 1.15 II 1-10). Mas não apenas como mais um convidado, mas como aquele que se levanta em meio as divindades para cobrar de El o cumprimento da promessa em conceder filhos a Kirta:

Depois chegou a assembleia dos Deuses,
E falou *Ba'lu*, o vitorioso:
Tu realmente vais embora, ó Benigno, *Ilu*, ó Bondoso,
Não abençoarás a [Kirta], o Magnífico,
Não confortarás o Belo, [servo] de *Ilu* ? (KTU, 1.15 II 11-13).

O Deus chefe, então, concede a benção ao rei:

Abençoou a seu verdadeiro servo
Abençoou *Ilu* a *Kirta*, [o Magnífico],
Confortou o Belo, servo de *Ilu*:
A mulher que você tomou, oh *Kirta*!
a mulher que você trouxe a sua casa,
a donzela que você fez entrar em sua mansão,
gerará sete filhos,
oito te proporcionará;
gerará ao príncipe *Yassibu*
que se nutrirá do leite de *Aṭiratu*,
se amamentará nos seios da Virgem [*Anatu*],
a ama [dos Deuses] (KTU, 1.15 II 19-28).

Esta cena de Baal se levantando para cobrar a promessa de El se aproxima da cena descrita no salmo 82, na qual Elohim está na assembleia dos Deuses e se levanta para julgar em defesa dos pobres.

Além disso, outra menção a Baal neste épico refere-se às chuvas vindas de Baal e a sua ligação com o culto agrícola, como diz o texto:

Venha a terra a chuva de *Ba'lu*,
 E ao campo a chuva do Altíssimo!
 Uma delícia és para a terra a chuva de *Ba'lu*,
 e para o campo a chuva do Altíssimo!
 Uma delícia és para o trigo no sulco,
 E na lavoura és como perfume,
 Sobre o outeiro és como uma diadema (KTU 1.16 III, 5-11)

3. Baal, o benevolente na lenda de Aqhat

A lenda de Aqhat é preservada em tabletes de argila (KTU, 1.17-19) que, embora contenham lacunas significativas, oferecem uma narrativa intrigante. Em síntese, o relato gira em torno de Daniilu, um patriarca que, inicialmente, não tem filhos. Com compaixão por Daniilu, Baal intercede a El para que abençoe o patriarca com descendência. Assim, El concede sua bênção a Daniilu e sua esposa. Embora o nascimento de Aqhat, filho de Daniilu, não seja detalhado, a comunicação deste evento a Daniilu sugere que a bênção divina foi realizada. Portanto, trata-se, segundo Liverani, de um poema focado em personagens reais e no problema da descendência (2016, p. 473).

A narrativa prossegue com Aqhat recebendo um arco como presente do Deus artesão Kothar em uma festa. No entanto, problemas surgem quando a Deusa guerreira Anat se interessa pelo arco. Ela oferece a Aqhat a imortalidade em troca do arco, mas ele recusa a oferta. Anat então tenta persuadir seu subordinado Yatipan a assassinar Aqhat. Apesar das ameaças da Deusa, Aqhat permanece firme em sua recusa. A história, lamentavelmente, se interrompe antes de seu desfecho, devido à deterioração dos tabletes, impossibilitando a identificação do fim da narrativa.

Logo no início do texto, temos a teofania de Baal, no sétimo dia, juntamente com a sua intercessão a El para atender o pedido de Aqhat por descendência:

“E veja! Ao sétimo dia,
 Estava certo, [sim], *Ba'lu* em sua benevolência:
 Que miserável estás, Daniilu, o *Rapai*
 Lamurioso, o herói *Harnamí*,
 O que não tem filhos como os seus irmãos,
 Nem descendência como seus parentes!
 Que possa ter um filho como seus irmãos,
 E descendência como seus parentes,
 (aquele que) revestido aos Deuses alimenta,
 Revestido dá de beber aos santos!
 Abençoe-o, ó Touro *Ilu!* Meu pai,
 Conforta-o, ó Criador das criaturas!
 E haja um filho seu em sua casa,
 Descendência em seu palácio (KTU, 1.17 I 15-25).

Nota-se que, Baal não está relacionado apenas com a fertilidade do campo, mas também da vida humana, tal como El, afinal, é ele que irá conceder a descendência a Aqhat. Ademais, neste trecho também se observa que Baal refere-se a El como seu pai, reiterando que El, e plausivelmente Asherah, era o casal chefe do panteão divino, e pais das outras divindades, ainda que este texto não mencione Asherah.

Conclusão

A leitura dos poemas de Ugarit levam o leitor à clara percepção de sua finalidade religiosa. Nos poemas, encontramos a luta de Baal contra a própria Morte, Mot, representante simbólico da alternância entre as estações que, no imaginário da religiosidade agropastoril da época, é essencial, ou seja, uma estação a qual representa a aridez que nada produz seguida de uma estação plena de vitalidade. E, num outro confronto, dessa vez com o Mar, Yam, a referência básica é a respeito da noção cosmológica de um mar caótico que circunda a terra cósmica.

Ao se olhar para Ugarit não se vislumbra apenas a sua imponência. Também salta aos olhos o poderio de seu Deus Baal. Ambos contribuíram, de acordo com Santos,

para que a costa levantina viesse a se constituir numa condição de estado social [...] além de tornar visível para o antigo Oriente Próximo a cultura religiosa com características próprias em construção naquele centro urbano (2023, p. 105).

Portanto, a discussão da crença em Baal a partir dos mitos ugaríticos do Ciclo de Baal e Anat, da epopeia de Kirta e da lenda de Aqhat, objetivando a intertextualidade existente com os textos da Bíblia Hebraica, sugere que as tradições literárias e religiosas de Ugarit influenciaram as atividades escritas na terra de Canaã.

Referências

- LETE, Gregorio Del Olmo. *Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia. História antiga de Israel*. São Paulo: Paulus, 2008.
- LIVERANI, Mário. *Antigo Oriente. História, Sociedade e Economia*. São Paulo: EDUSP, 2016.
- MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. *As sagradas de Asherah e YHWH: narrativa e memória do sacerdócio feminino no templo de Jerusalém*. Tese. (Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2022).
- MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica. **Teocomunicação**, v. 50, n. 2, Porto Alegre, jul-dez/2020, p. 1-9
- MENDONÇA, Êlcio Valmiro Sales de. *Monte Sião extremidade do Safon: Estudo da influência da mitologia cananéia na Teologia de Sião a partir da análise exegética do Salmo 48*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2012.
- MOURA, Rogério Lima de. *O Concílio dos Deuses no Salmo 82 e na Literatura Ugarítica*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). São Bernardo do Campo, 2012.
- SANTOS, João Batista Ribeiro. *A difusão iconográfica da religião*. Historiografia de políticas de guerra e representações visuais na Antiguidade Oriental. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2023.

SCHNIEDEWIND, Willian M; HUNT, Joel H. *A Primer on Ugarit: Language, Culture and Literature*. Cambridge: University Press: 2007.

STAVRAKOPOULOU, Francesca. The Ancient Goddess, the Biblical Scholar, and the Religious Past: Re-imagining Divine Women. In: SHERWOOD, Yvonne. *The Bible and Feminism: Remapping the Field*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

SMITH, Mark S. *O Memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, 1ª reimpressão. Paulus, 2018.

RECEBIDO: 28/06/2024

RECEIVED: 06/28/2024

APROVADO: 08/11/2024

APPROVED: 11/08/2024